

Pela segunda vez, Masp é um dos museus “mais seguros” do mundo

O enredo não apresentou as tramas e reviravoltas tão típicas dos filmes policiais norte-americanos. Mas teve final feliz o episódio do furto de duas importantes obras do Museu de Arte de São Paulo (Masp), ocorrido em dezembro. A polícia descobriu os autores do crime, recuperou os quadros e devolveu-os à instituição. Com isso, em 11 de janeiro passado, depois de mais de 20 dias fechado, o Masp foi reaberto.

Apenas nos dois primeiros dias depois da reabertura, passaram pelo célebre prédio da avenida Paulista, projetado por Lina Bo Bardi, mais de 3 mil pessoas. Boa parte desse público bem superior à média da frequência habitual foi testemunhar o retorno do Retrato de Suzanne Bloch, de Pablo Picasso, e de O lavrador de café, de Candido Portinari. Uma leitura mordaz não pode deixar de observar, portanto, que o episódio trouxe resultados dignos de uma bem-sucedida operação de marketing.

Os milhares de pessoas que admiraram Picasso, Portinari, Goya, Toulouse-Lautrec, Cézanne e Renoir, naqueles dias, não puderam ver o sistema de segurança doado e instalado no Masp pela LG Security System - foram, porém, observadas por ele. De acordo com a empresa, o museu recebeu câmeras que captam imagens no escuro e equipamentos robotizados integrados a sensores de proximidade. Quando tiver sido concluída a implantação do sistema, serão 120 pontos de monitoramento.

Essa talvez tenha sido a razão que levou o superintendente administrativo do museu, Fernando Pinho, a declarar ao site Computerworld, no dia 15 de janeiro: “O novo sistema colocará o Masp entre os museus mais seguros do mundo e impossibilitará qualquer tentativa de invasão”.

A frase de Pinho não difere muito de outra, registrada por PROJETO DESIGN na edição 141, de maio de 1991. Seu autor é Celso Vieira, desde aquela época administrador do museu. “O Masp é um dos museus mais seguros do mundo. Somos exemplo para outros países”, disse ele. Na época, Vieira o considerava, em segurança patrimonial, mais arrojado que o Louvre (Paris) e o Van Gogh (Amsterdã).

O administrador informava também que qualquer tentativa de furar aquele bloqueio produziria o acionamento de alarmes, com sirenes que poderiam ser ouvidas a grande distância, nos bairros dos Jardins, ao redor da avenida Paulista. Como se pôde constatar anos depois, não era bem assim. Ou o sistema teria sido desativado?

Durante o tempo em que as telas de Picasso e de Portinari estiveram fora do Masp, especulou-se que elas já teriam sido enviadas para o exterior. Mas, a rigor, nem para o interior elas viajaram: foram localizadas em uma casa em Ferraz de Vasconcelos, município da Região Metropolitana de São Paulo.



Depois do corte de energia, o museu teve obras de Picasso e de Portinari furtadas, em 2007. Novo sistema de segurança inclui monitoramento por câmeras em 120 pontos.

Modelo de eficiência

Certamente a afirmação causará surpresa a quem está acostumado a encontrar nos países do Terceiro Mundo os antípodos para quase tudo: "O MASP é um dos museus mais seguros do mundo. Somos, inclusive, exemplo para outros países". Quem garante é Celso Vieira, administrador do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Para Vieira, em termos de segurança patrimonial, o MASP é mais amado que museus como o do Louvre, em Paris, ou o Van Gogh, na Holanda, onde já houve furto de obras em plena luz do dia.

A eficiência do sistema foi conseguida por meio de constante aperfeiçoamento dos métodos de segurança e com a renovação de equipamentos. Tal eficiência está permitindo ao MASP incluir como apêndice de sua pinacoteca a estação Trianon/MASP do metrô. As obras que estarão expostas nesse local, em igualdade de condições com as do museu, terão suas vitrines permanentemente ligadas a um sistema de alarme, vinculado a uma central, imediatamente acionada em caso de tentativa de roubo ou violação.

Acoplado aos vidros que protegem as obras em exposição, há um sistema de alarme cujas sirenes podem ser ouvidas a grande distância, nos bairros dos Jardins, ao redor da avenida Paulista. Uma vez disparadas, a central de segurança - localizada fora do prédio do museu - é acionada, sendo feita, então, a comunicação com as polícias civil e militar. A operação está programada para durar no máximo dez segundos. Simultaneamente, entram em ação os guardas do museu e as portas são automaticamente fechadas. Tudo isso exige muita rapidez e treinamento constan-

te, uma vez que eventuais falhas poderiam causar pânico entre os frequentadores.

Prevenção tem sido uma das normas para evitar surpresas. Vieira destaca que a atual direção do MASP vem se empenhando em dotar o prédio de equipamentos mais sofisticados, que incorporam tecnologia mais avançada, para proteção do acervo. Segundo ele, os equipamentos mais eficazes na proteção de museus são de origem japonesa. É exemplificada citando a hipersensibilidade do sistema instalado em determinado museu do Japão, disparado, certa noite, por um minúsculo inseto pousado por segundos sobre uma das preciosidades ali expostas.



MASP: segurança mais eficiente que em museus do Primeiro Mundo.